

Stefan Zweig

Maria Antonieta

Retrato de uma mulher comum

Tradução:
Irene Aron

Prefácio e posfácio:
Alberto Dines

Prefácio

Marie-Antoinette c'est moi

ALBERTO DINES

STEFAN ZWEIG PODERIA PARAFRASEAR GUSTAVE FLAUBERT quando este, pressionado pela curiosidade em torno da inspiradora do seu romance, respondeu desafiador: “*Madame Bovary c'est moi.*”

Discreto, recatado, o escritor austríaco não se permitiria tal ousadia. Mas na introdução à *Maria Antonieta* tal é o seu empenho em humanizá-la, entendê-la e explicá-la, que parece estar desenhando uma projeção de si mesmo. A personalidade comum que o destino caprichoso escolheu para testar e agigantar no auge da Revolução Francesa pode ser o próprio biógrafo, dispensado de usar a primeira pessoa do singular. Jamais se considerou sumidade literária, enxergava-se e se sentia melhor como simples mediador.

Sua preferência pelos derrotados e seu desprezo pelo triunfalismo já eram conhecidos desde o drama pacifista “Jeremias”, escrito durante a Primeira Guerra Mundial. A superioridade moral dos vencidos era um de seus bordões, identificava-se naturalmente com os perdidos e perdedores, com os desmoteados que num assomo – sua hora estelar – mudavam o curso de suas vidas e da história.¹

Não era um marginal: na aparência um dândi, no estilo de vida sugeria o burguês assentado. Na alma, porém, carregava os vírus da perplexidade e da angústia, que o aproximavam invariavelmente dos atônitos e espantados.

O filtro que utilizava para selecionar seus biografados eliminava de saída os bem-sucedidos, os vencedores. Levava para o pedestal justamente

¹ *Sternstunde der Menschheit*, “Horas estelares da humanidade”, coleção de treze miniaturas históricas, foi publicada no Brasil com o título de *Momento supremo* em sucessivas edições a partir de 1940 (volume XIII, da Edição Uniforme das Obras de Stefan Zweig, Editora Guanabara, Rio de Janeiro).

aqueles que viviam na zona de sombra. Maria Antonieta – jovem, linda, solta e sonsa, em teoria a rainha da poderosa nação francesa – serviu-lhe admiravelmente para descrever a queda e a redenção da mulher média, igual às demais. Sua maestria residia justamente em operar a inversão do sólito em insólito, do banal em grandioso, do corriqueiro em trágico.

Exatos dez anos depois do espetacular lançamento da biografia da desgraçada princesa austríaca, o escritor mais traduzido do mundo, agora acusado de comercial, superado e acabado, ao se ver confrontado também com o aniquilamento do seu mundo graças ao rancor disseminado pela Segunda Guerra Mundial, matou-se com a mulher num modesto bangalô em Petrópolis. Sua morte ressuscitou-o, sua vasta obra reescreveu-se em outra dimensão e, terminada a guerra, era novamente um best-seller. De *revival* em *revival*, chega aos nossos dias refeito, atual, porta-voz de si mesmo.

O mais veemente dos seus prólogos: o retrato que fez da infeliz conterrânea é solidário, algo cúmplice. Não é compaixão – esse sentimento pulsa ao longo do único romance que começará a escrever em seguida.² Aqui joga com um jogo de espelhos onde se fundem e confundem biógrafo e biografada, verdade documentada e percepções intuídas.

O trágico igualmente assoma quando uma natureza mediana ou mesmo frágil se vê impelida por um destino extraordinário ... o destino procura de tempos em tempos um herói insignificante para demonstrar que é capaz de impor maior tensão a um enredo frágil, de construir uma grande tragédia a partir de uma alma fraca e apática.

Recém-saído de um forte envolvimento com a psicanálise vivenciado no perfil do mestre-amigo Sigmund Freud, na obra seguinte não poderia desprezá-la. Com a perspectiva de 150 anos passados desde a queda da Monarquia, liberado de constrangimentos em devassar intimidades de uma celebridade e descomprometido com qualquer enfoque ideológico, Zweig fez uma das mais perfeitas experiências de psico-história.

² O único romance, *Ungeduld des Herzens*, de 1939, foi intitulado em francês *La pitié dangereuse* (“A piedade perigosa”) e, em inglês, *Beware of Pity* (“Cuidado com a piedade”); no Brasil apareceu como *Coração inquieto* (volume XII da Edição Uniforme).

O subtítulo original referia-se a um “caráter mediano”, *mittleren Charakteren*, personagem médio, de qualquer sexo. Foi certamente ideia do amigo e editor americano, Ben Huebsch, alterar o gênero e convertê-lo em “retrato de uma mulher comum” que depois se impôs. E nesta condição Maria Antonieta, a rainha que ergueu a cabeça antes de ser decapitada, se junta à inesquecível galeria de personagens ficcionais femininos de Zweig – a missivista desconhecida, a dupla passional Madame Henriette-Senhora C e a assustada Irene.³

Fascinado por imagens e cinema (àquela altura, seis títulos de sua autoria já haviam sido produzidos nos estúdios alemães e um na antiga URSS), evitou designar o relato como biografia, temia soar empertigado. Naqueles tempos trepidantes, mais apropriada e moderna seria a qualificação de *Bildnis* (“retrato” em alemão, *portrait* em francês), já usada na narrativa sobre Joseph Fouché, o político-camaleão que passou incólume pelo Antigo Regime, a Revolução e o período napoleônico. Sua capacidade de sobreviver fascinou os leitores inclinados para a política (Fidel Castro contou que à noite, em Sierra Maestra, os revolucionários liam e discutiam a boa literatura, tendo *Fouché* de Zweig entre seus preferidos). Na realidade, a trajetória do profissional do poder, desprovido de princípios e servido apenas pela ambição, não se distinguia do noticiário dos jornais.

Com o novo *portrait* Zweig pretendia um público maior. A protagonista ferosa e hedonista era o símbolo de uma frivolidade que imaginava sacudir. Através dela, o angustiado que pressentia uma violenta irrupção na Europa lembrava aos seres comuns e despreocupados que o vulcão já fumegava.

Marie Antoinette c'est moi, seria um truque narrativo para alcançar a transferência biógrafo-biografada. É mais do que isso: um susto – formidável esforço para fazer o passado soar como advertência.

³ Elenco de personagens ficcionais de Zweig mais conhecidas: a autora da *Carta de uma desconhecida*, a protagonista e a narradora de *24 horas na vida de uma mulher* e a amante chantageada de *Medo*.

Prólogo

ESCREVER A HISTÓRIA da rainha Maria Antonieta significa resgatar um processo mais que secular, no qual acusantes e defensores se enfrentam de maneira muito acalorada. Os acusantes são responsáveis pelo tom mais passional do debate. Para atingir a realeza, a revolução deveria atacar a rainha, e na rainha, a mulher. Ora, a verdade e a política raramente habitam sob o mesmo teto, e onde uma personagem está prestes a ser cunhada para fins demagógicos é de se esperar pouca justiça da parte dos cúmplices subservientes da opinião pública. Contra Maria Antonieta, nenhum meio foi poupado, tampouco nenhuma calúnia, no intuito de levá-la à guilhotina; todos os vícios, todo aviltamento moral, toda sorte de perversidade foram atribuídos à *louve autrichienne*,¹ sem comedimento algum, em jornais, panfletos e livros. Até no próprio recinto da justiça, na sala do tribunal, o defensor público comparou pateticamente a “viúva Capeto” às mais famosas mulheres dissolutas da história, como Messalina, Agripina e Fredegunda.² Mais decisiva ainda foi a reviravolta quando, em 1815, novamente um Bourbon ascendeu ao trono da França. Para bajular a dinastia torna-se necessário retocar a diabólica imagem com cores mais benevolentes. Nenhuma representação de Maria Antonieta nessa época aparece sem a moldura de

¹ *Louve autrichienne*: “Loba austríaca”, na gíria francesa, “prostituta austríaca”. Todas as passagens em língua estrangeira desta edição seguem a opção de Stefan Zweig, inclusive em termos de grafia. Todas as notas de rodapé foram criadas para esta edição.

² Messalina (c.20-48): terceira esposa do imperador romano Cláudio, descrita como mulher cruel, ambiciosa e promíscua; Agripina (14 a.C.-33 d.C.): esposa do aristocrata Germânico, mãe de Calígula, depois da morte do marido conspirou para substituir o imperador Tibério por um de seus filhos; Fredegunda (m.597): esposa do rei franco Chilperico, famosa pela maldade e por se envolver em diversos assassinatos.

uma nuvem de incenso e uma auréola sagrada. Panegíricos sucedem-se, a virtude imaculada de Maria Antonieta é defendida ferozmente, seu espírito de sacrifício, sua bondade, seu heroísmo puro são celebrados em verso e prosa; e histórias urdidas principalmente por mãos aristocráticas envolvem o rosto transfigurado da *reine martyre*, a rainha mártir.

A verdade psicológica situa-se aqui, como de costume, próxima do meio-termo. Maria Antonieta não foi a grande santa da realeza, tampouco a prostituta, a *grue*³ da revolução, e sim um caráter medíocre, na verdade uma mulher comum, não particularmente esperta, não especificamente insensata, nem fogo nem gelo, sem especial inclinação para a bondade e sem nenhum apego ao mal, a mulher mediana de ontem, hoje e amanhã, sem pendor para o demoníaco, sem ânsia pelo heroico e, talvez por isso, tema pouco adequado a uma tragédia. A história, porém, esse grande demiurgo, não necessita de um caráter heroico como personagem principal para construir um drama comovente. A tensão trágica não resulta apenas da grandeza de uma personagem, mas sobretudo da falta de harmonia entre um ser humano e seu destino. A tensão dramática pode vir à tona quando um ser grandioso, um herói, um gênio, entra em conflito com o mundo que o cerca, e esse mundo mostra-se estreito demais, hostil demais para a tarefa que lhe foi imposta ao nascer – como um Napoleão, por exemplo, sufocado no exíguo cárcere de Santa Helena, um Beethoven enclausurado em sua surdez. Ela emerge a toda hora e por toda parte em relação a uma grande figura que não encontra sua medida e sua expressão. Todavia, o trágico igualmente assoma quando uma natureza mediana ou mesmo frágil se vê impelida por um destino extraordinário e envolvida em responsabilidades pessoais que a oprimem e destroem – e essa forma do trágico me parece a mais pungente do ponto de vista humano. Pois o ser humano extraordinário procura de modo inconsciente um destino extraordinário; de acordo com sua natureza supradimensional, está organicamente apto a viver de maneira heroica ou, segundo Nietzsche, de maneira “perigosa”. Ele desafia o mundo com a violenta exigência

³ *Grue*: literalmente “grou”; na gíria francesa, “mulher leviana”.

inerente a seu caráter. Assim, o gênio, afinal, não deixa de ser culpado por seu sofrimento, porque a missão a ele destinada anseia de forma mística por essa prova de fogo como fator desencadeante de um derradeiro impulso. Tal como a tempestade impele a gaivota, assim também seu imperioso destino o conduz cada vez mais adiante e mais alto. O caráter medíocre, ao contrário, por sua própria natureza, reclama uma existência pacata, almeja, sente de fato a necessidade de tensões pouco fortes, prefere viver calmamente e à sombra, ao abrigo dos ventos e sob temperaturas amenas. Por isso defende-se, por isso amedronta-se, por isso foge quando uma mão invisível o lança em meio a turbulências. Ele não anseia por responsabilidades históricas; ao contrário, teme-as. Não procura o sofrimento; este, ao contrário, lhe é imposto. É forçado por fatores externos, e não internos, a ser maior que sua medida. Esse sofrimento do não herói, do homem medíocre, uma vez que lhe falta visão clara, não me parece menor que o sofrimento patético do herói verdadeiro, e talvez seja ainda mais devastador, pois o homem comum deve suportá-lo sozinho; e não possui, como o artista, a salvação venturosa de transformar seu tormento em obras, em formas duradouras.

Porém, por vezes o ser humano medíocre consegue revolver o destino e afastá-lo violentamente para longe de sua própria mediocridade, como resposta a uma exigência pessoal. Nesse sentido, a vida de Maria Antonieta talvez seja disso o exemplo histórico mais evidente. Essa mulher percorre um caminho desinteressante durante os primeiros trinta de seus trinta e oito anos de vida, só que em uma esfera extravagante. Nunca extrapola a medida do meio-termo, nem em relação à bondade nem em relação à maldade: uma alma morna, um caráter medíocre que, do ponto de vista histórico, a princípio desempenha apenas o papel de figurante. Sem o irromper da revolução sobre seu alegre e despreocupado mundo lúdico, essa pouco significativa representante dos Habsburgo teria continuado a viver de maneira imperturbável, como milhares de mulheres de todos os tempos. Teria se dedicado à dança, às conversas, ao amor, às gargalhadas; teria se coberto de enfeites; teria feito visitas e sido generosa com as esmolas; teria dado à luz filhos e, por fim, se deitado tranquila numa cama para

morrer, sem ter verdadeiramente vivenciado o espírito de seu tempo. Teria recebido um solene funeral de rainha. Depois, contudo, desapareceria da memória da humanidade como todas aquelas outras incontáveis princesas, as Maria Adelaides e Adelaide Marias, as Ana Catarina e Catarina Anas, cujas lápides com inscrições frias e impessoais passam despercebidas no *Gotha*.⁴ Nunca um ser humano vivo teria sentido a curiosidade de indagar sobre sua grandeza, sobre sua alma estagnada. Ninguém ficaria sabendo quem realmente foi. E – isso é o mais importante – nem mesmo ela, Maria Antonieta, a rainha da França, teria tomado conhecimento de sua provação e compreendido quem realmente era. Pois faz parte da felicidade ou infelicidade do ser humano medíocre o fato de ele, por si mesmo, não sentir a coação de conhecer sua medida, não ter a curiosidade de questionar-se antes que o destino o faça. Deixa que suas capacidades adormeçam dentro de si, intocadas, que suas verdadeiras inclinações esmaçam, que suas forças se debilem como músculos nunca utilizados, antes que a necessidade real de defesa os enrijeça. Um caráter medíocre deve primeiro emergir de dentro de si mesmo para ser tudo aquilo que poderia ser, talvez mais do que antes imaginava e supunha. Para tanto, o destino não possui outro instrumento de açoite além da infelicidade. Assim como um artista, para pôr à prova sua força criativa, por vezes procura intencionalmente um tema em aparência simples, em lugar de outro pateticamente abrangente, também o destino procura de tempos em tempos um herói insignificante para demonstrar que é capaz de impor maior tensão a um enredo frágil, de construir uma grande tragédia a partir de uma alma fraca e apática. Tal tragédia é uma das mais belas desse heroísmo involuntário, e chama-se Maria Antonieta.

Pois com que arte, com que riqueza imaginativa de episódios, em que dimensões extraordinárias a história insere esse ser humano medíocre em seu drama! Como contrapõe com engenho os princípios em torno dessa protagonista originalmente pouco fecunda! Com argúcia diabólica,

⁴ *Gotha*: cidade da Turíngia, sede de editora que publicou famosa obra, conhecida como *Gotha*, sobre a genealogia da aristocracia europeia.

primeiro afaga essa mulher. Presenteia a criança com uma casa que é uma corte imperial, a adolescente com uma coroa. Pródigo, cumula a jovem mulher de todos os dotes de beleza e riqueza; além disso, concede-lhe um coração despreocupado, que não pergunta o preço nem o valor desses bens. Durante anos ele estraga esse coração leviano com mimos e carinhos, até que todos os seus sentidos se percam, e ele se torne cada vez mais desatento. No entanto, tão rápido e facilmente quanto alça essa mulher às alturas máximas da felicidade, ardiloso, o destino deixa-a cair de maneira terrível e lenta. Com dureza melodramática, a tragédia põe frente a frente contrastes extremos. Ele a expulsa de uma casa imperial de cem cômodos para lançá-la em uma cela humilhante, do trono real para a guilhotina, da carruagem dourada de cristal para a carroça do verdugo, do luxo para a privação, da popularidade para o ódio, do triunfo para a calúnia, cada vez mais fundo, cada vez mais baixo, inexoravelmente, até a mais abissal profundidade. E esse ser pequeno, esse ser medíocre, surpreendido de súbito em seu mundo de mimos, esse coração desatento, não compreende o que aquele poder estranho almeja; sente apenas um punho forte a comprimi-lo, garras de fogo na carne torturada; esse ser ingênuo, inerte e desafeito a qualquer sofrimento defende-se e resiste, geme, escapa e tenta fugir. Porém, com a inexorabilidade de um artista que não desiste até que extraia a maior tensão, a última possibilidade de seu enredo, a mão atenta da infelicidade não se desprende de Maria Antonieta até que tenha transformado a alma suave e frágil em rijeza e dignidade, até que tenha extraído plasticamente toda a grandeza de pais e antepassados que se escondia naquela alma. Afinal desperta em seu sofrimento a mulher torturada, que nunca questionara a si mesma, e reconhece a transformação. Sente, justamente agora que seu poder exterior chega ao fim, que tem início dentro de si algo novo e grandioso – que sem tal provação não teria sido possível. “Somente pelo sofrimento sabe-se verdadeiramente quem somos”: essas palavras, em parte altivas, em parte comovidas, soam-lhe de repente dos lábios surpresos. Vem-lhe à mente um pressentimento de que, com esse sofrimento, sua pequena existência medíocre será um exemplo para o futuro. E sob essa consciência de

O casamento de uma criança

DURANTE SÉCULOS, Habsburgo e Bourbon lutaram pelo domínio da Europa em dezenas de campos de batalha alemães, italianos e flamengos; finalmente cansaram-se, tanto uns quanto outros. Na décima segunda hora, os antigos rivais reconhecem que seu incansável ciúme abriu caminho para outras famílias nobres; assim, um povo herege da ilha inglesa lança-se à conquista do império do mundo, e também a região protestante de Brandemburgo torna-se um reino poderoso; assim também a Rússia semipagã prepara-se para estender sua esfera de poder até o infinito. Portanto, não seria melhor – começam a se perguntar os governantes e seus diplomatas, como sempre tarde demais – selar a paz entre si, em lugar de mais uma vez retomar o fatídico jogo de guerra a favor de arrivistas incrédulos? Choiseul, na corte de Luís XV, Kaunitz, como conselheiro de Maria Teresa, firmaram uma aliança. Para que fosse duradoura e significasse mais do que meramente um intervalo de descanso entre duas guerras, sugeriram ambos que as dinastias dos Habsburgo e dos Bourbon se unissem por laços de sangue. Em época alguma faltaram princesas casadouras na casa de Habsburgo; também desta vez lá se encontra uma rica variedade de todas as idades. Primeiro os ministros cogitam arranjar o casamento de Luís XV com uma princesa dos Habsburgo, não obstante ele já ser avô e seus costumes serem mais que duvidosos. No entanto, o rei extremamente cristão abandona rapidamente o leito da Pompadour em troca de outra favorita, Du Barry. O imperador José, viúvo pela segunda vez, não demonstra autêntica intenção de desposar uma das três filhas solteironas de Luís XV. Assim, como aliança natural resta apenas uma terceira opção, a de selar um compromisso de noivado entre o delfim adolescente, o neto

de Luís XV e futuro detentor da coroa francesa, e uma filha de Maria Teresa. Em 1766, já se pode considerar Maria Antonieta, na ocasião com onze anos, uma séria candidata. O embaixador austríaco escreve, literalmente, em 24 de maio à imperatriz: “O rei expressou a seu modo que Sua Majestade pode considerar o projeto como certo e decidido.” Diplomatas, contudo, não seriam diplomatas se não dedicassem todo seu orgulho a tornar problemáticas as coisas mais simples, sobretudo em adiar engenhosamente qualquer assunto importante. Intrigas são tecidas de corte a corte, um ano se passa, o segundo e o terceiro, e Maria Teresa teme, não sem razão, que seu vizinho incômodo, Frederico da Prússia, *Le Monstre*, como o denomina em efusivo ressentimento, atrapalhe esse plano tão decisivo para o poderio austríaco com uma de suas diabruras maquiavélicas; dessa maneira, ela investe a máxima amabilidade, paixão e astúcia para não mais livrar a corte francesa daquela meia promessa. Infatigável como uma casamenteira profissional, com a paciência tenaz e inflexível de sua diplomacia, mantém Paris sempre informada a respeito dos atributos da princesa; seus mensageiros são portadores de gentilezas e presentes no intuito de trazer de Versalhes um pedido formal de casamento. Mais imperatriz que mãe, mais interessada no fortalecimento do “poder dinástico” que na felicidade de sua filha, não hesita mesmo diante da comunicação prudente de seu emissário de que a natureza tinha sido parcimoniosa na concessão de dotes especiais ao delfim. Teria este uma inteligência limitada, era tido como grosseiro e totalmente insensível. Contudo, por que precisa uma arquiduquesa ser feliz se simplesmente será rainha? Quanto mais Maria Teresa insiste no pacto e na promessa, de maneira tanto mais prepotente se esquiva o experiente rei Luís XV. Durante três anos solicita que lhe mandem retratos e relatórios sobre a pequena arquiduquesa e declara-se basicamente propenso a concordar com o plano de casamento. Porém não pronuncia a palavra decisiva, não se compromete.

A ingênua garantia desse importante negócio de Estado, Toinette, a menina de onze anos, de doze anos, de treze anos, de compleição delicada, graciosa, esbelta e sem dúvida bela, brinca e pula enquanto isso, cheia de temperamento, com irmãs, irmãos e amigas pelos quartos e jardins de

Schönbrunn; pouco se dedica aos estudos, aos livros e à educação. Com sua amabilidade natural e vivacidade radiante, sabe muito bem manobrar as governantas e os abades que devem educá-la, e assim consegue escapar dos deveres escolares. Maria Teresa, que nunca pôde dedicar-se com zelo especial a qualquer um dos filhos de sua prole numerosa, percebe certo dia com surpresa que a futura rainha da França, aos treze anos, mal sabia escrever corretamente, seja em alemão seja em francês; tampouco, nem em superfície, captou rudimentos de história e conhecimentos gerais; as aptidões musicais não se revelam de melhor nível, embora ninguém menos que Gluck⁵ lhe ministrasse aulas de piano. Na décima segunda hora, faz-se necessário recuperar o atraso, e a mimada e preguiçosa Toi- nette deve ser agora transformada em uma dama educada. É importante para a futura rainha da França que saiba principalmente dançar bem e que fale francês com sotaque correto. Para esse fim, Maria Teresa contrata às pressas o grande mestre de danças Noverre e dois atores de uma trupe francesa, na época em turnê em Viena, um deles para cuidar da pronúncia, o outro para o canto. No entanto, mal o emissário francês comunica tal fato à corte de Bourbon, prontamente ecoa de Versalhes um tom de indignação: uma futura rainha da França não poderia receber aulas de um grupelho de comediantes. Apressadamente, novas negociações diplomáticas são preparadas, pois Versalhes já considera a educação da prometida noiva do delfim um assunto próprio, e, após longas idas e vindas, por recomendação do bispo de Orléans, é enviado a Viena o abade Vermond como preceptor; de sua autoria são os primeiros relatórios confiáveis acerca da arquiduquesa de treze anos. Graciosa e simpática, segundo ele, “com um rosto encantador, reúne toda a possível elegância em seu porte e, assim esperamos, quando crescer um pouco terá todos os atributos que se podem desejar para uma tão nobre princesa. Seu caráter e seu temperamento são excelentes.” Significativamente, o bom abade se expressa de maneira mais cuidadosa sobre os reais conhecimentos e

⁵ Christoph Willibald Gluck (1714-1787): compositor alemão radicado em Viena, autor de inovadoras óperas, como *Ifigênia* e *Orfeu e Euridice*.



Maria Antonieta. Óleo sobre tela de Martin II Mytens, s/d.

o empenho nos estudos de sua aluna. Dispersa, desatenta e brincalhona, de vivacidade radiante, a pequena Maria Antonieta, apesar da facilidade de aprendizado, nunca demonstrou o menor pendor para dedicar-se a qualquer assunto sério. “Possui mais raciocínio do que sempre se julgou, infelizmente, porém, até os doze anos, esse raciocínio nunca se habituou a concentração alguma. Um pouco de preguiça e um tanto de frivolidade dificultaram-me ainda mais as aulas. Durante seis semanas dediquei-me aos fundamentos da literatura, ela captou tudo muito bem, com julgamentos corretos; contudo, nunca pude levá-la a deter-se mais profundamente em tema algum, embora sentisse que ela possui tal capacidade. Assim, afinal, tive de admitir que só será possível educá-la se ao mesmo tempo for possível entretê-la.”

Dez, vinte anos depois queixam-se ainda todos os homens de Estado dessa preguiça mental, não obstante a grande inteligência ao esquivar-se entediada de qualquer conversa mais profunda. Já na menina de treze anos

revela-se todo o perigo daquele caráter que tudo poderia fazer, todavia nada deseja de verdade. Porém, na corte francesa, desde a instituição das amantes, preza-se muito mais a aparência de uma mulher do que seu íntimo; Maria Antonieta é bonita, representativa e possui correção de caráter – é o quanto basta. E finalmente, em 1769, é remetida a carta tão esperada de Luís XV a Maria Teresa, na qual, solene, o rei pede a mão da jovem princesa para seu neto, o futuro Luís XVI, e propõe como data de casamento a Páscoa do ano seguinte. Feliz, Maria Teresa concorda; após anos de preocupação, aquela mulher tragicamente resignada vive um momento de felicidade. Parece-lhe estar agora assegurada a paz do império e também da Europa; através de mensageiros e estafetas anuncia-se com pompa a todas as cortes que os Habsburgo e os Bourbon, antes inimigos, tornaram-se aliados de sangue para sempre. “Bella gerant alii, tu, felix Austria, nube”.⁶ Mais uma vez confirma-se o antigo lema dos Habsburgo.

A TAREFA DOS DIPLOMATAS foi concluída com sucesso. Contudo, só agora se percebe: essa foi a parte mais fácil. Pois convencer os Habsburgo e os Bourbon a chegar a um acordo, reconciliar Luís XV e Maria Teresa é uma brincadeira de crianças comparada à dificuldade jamais imaginada de fazer com que os cerimoniais palacianos das cortes francesa e austríaca cheguem a um acordo diante de tão representativa solenidade. É certo que os mestres de cerimônias de ambos os lados e mais um sem-número de organizadores teriam um ano inteiro para elaborar o importantíssimo protocolo das festividades do casamento nos mínimos detalhes; no entanto, o que significa um fugaz ano de apenas doze meses para aqueles complicados fanáticos por etiqueta? Um herdeiro do trono francês casa-se com uma arquiduesa austríaca – quantas questões cruciais envolvendo suscetibilidades desencadeia tal acontecimento, quão minuciosamente deve ser tratado cada detalhe, quantos deslizes incontornáveis deveriam ser evitados pelo estudo de documentos centenários! Dia e noite os santos

⁶ “Que outros guerreiem, enquanto tu, feliz Áustria, contratas casamentos.”

guardiões dos usos e costumes queimam as pestanas tanto em Versalhes quanto em Schönbrunn; dia e noite os embaixadores debatem cada um dos convites, mensageiros com propostas e contrapropostas correm de um lugar para outro, pois, admita-se, que catástrofe imensurável (pior que sete guerras somadas) poderia ocorrer se, por ocasião desse acontecimento sublime, a vaidade e o orgulho de uma das duas casas reinantes fossem feridos! Em incontáveis textos eruditos deste e daquele lado do rio Reno ponderam-se e discutem-se questões melindrosas, como, por exemplo, qual nome deve ser citado em primeiro lugar no contrato de casamento, o da imperatriz da Áustria ou o do rei da França? Quem deveria assinar primeiro? Que presentes ofertar? Qual o dote a ser combinado? Quem deveria acompanhar a noiva? Quem deveria recebê-la? Quantos cavalheiros, damas de honra, oficiais, cavaleiros da guarda, camareiras e subcamareiras, cabeleireiros, confessores, médicos, escribas, secretários e lavadeiras deveriam acompanhar o séquito nupcial de uma arquiduquesa da Áustria até a fronteira? E quantos acompanhariam a herdeira do trono francês da fronteira até Versalhes? Enquanto cabeças ornadas com perucas ainda não conseguem chegar a um acordo sobre como agir em questões básicas, em ambas as cortes, cavalheiros e suas damas, como se lutassem pela chave do paraíso, discutem entre si, brigam uns com os outros, disputam a honra de acompanhar o séquito nupcial ou de recebê-lo, cada parte defende seu direito com um código inteiro de pergaminhos. Embora os mestres de cerimônias trabalhem como condenados às galés, não chegam ao longo de um ano inteiro a conclusão alguma a respeito daquelas questões de suma importância, relativas à preferência e às regras do protocolo. No último instante, por exemplo, a apresentação da nobreza alsaciana é riscada do programa a fim de “eliminar as complicadas questões de etiqueta para cuja solução não sobra mais tempo”. E caso o decreto real não tivesse fixado a data, os guardiões do cerimonial estariam até hoje em dúvida sobre a forma “correta” do casamento, e não teria havido uma rainha Maria Antonieta e talvez tampouco uma Revolução Francesa.

Embora tanto a França quanto a Áustria necessitassem de medidas drásticas de economia, ambos os lados prepararam o casamento com

máxima pompa e luxo. Os Habsburgo não querem ser colocados atrás dos Bourbon, e estes não querem ficar à sombra daqueles. O palácio dos emissários franceses em Viena revela-se pequeno demais para os mil e quinhentos convidados; centenas de operários constroem apressados as dependências anexas, enquanto em Versalhes, ao mesmo tempo, prepara-se um salão de óperas especialmente para a cerimônia do casamento. Para os fornecedores do palácio, para os costureiros e alfaiates, joalheiros, construtores de carruagens, floresce aqui e acolá uma época abençoada. Apenas para o transporte da princesa, Luís XV encomenda a Francien, o fornecedor real em Paris, duas carruagens de um luxo jamais visto: madeira nobre e vidros de cristal, forradas de veludo por dentro, por fora prodigiosamente ornadas com desenhos encimados por coroas reais, e, apesar desse esplendor, com molejo e funcionamento esplêndidos. Para o delfim e a corte real são confeccionadas roupas ricamente bordadas com joias preciosas, o mais maravilhoso diamante daquela época, o grande Pitt, adorna o chapéu nupcial de Luís XV, e com igual luxo Maria Teresa organiza o enxoval de sua filha: rendas encomendadas em Malines, linhos finos, sedas e joias. Finalmente chega a Viena o embaixador Durfort para o pedido oficial, um espetáculo esplendoroso para os curiosos vienenses: quarenta e oito carruagens puxadas por seis cavalos, entre elas as duas obras esplêndidas em cristal, deslizam solenemente pelas ruas enfeitadas de flores em direção ao palácio. Só as librés dos cento e dezessete guardas e lacaios que acompanham o embaixador custaram cento e sete mil ducados, o cortejo todo, nada menos que trezentos e cinquenta mil. Desse momento em diante, uma festa segue-se à outra: pedido de casamento formal e público; solene renúncia de Maria Antonieta a seus direitos austríacos, diante do Evangelho, do crucifixo e de velas acesas; cumprimentos da corte, da universidade; parada militar; *théâtre paré*;⁷ recepção e baile no palácio de Belvedere para três mil pessoas, retribuídos com recepção e banquete para mil e quinhentos convidados no palácio de Liechtenstein; finalmente, em 19 de abril, o casamento *per procurationem* na igreja dos Capuchinhos, na

⁷ *Théâtre paré*: “seção de gala”.

qual o arquiduque Fernando representa o delfim. Em seguida, ainda um jantar íntimo familiar e, no dia 21, a despedida festiva, o último abraço. Passando por respeitosas fileiras de honra, a carruagem do rei da França conduz a antiga arquiduquesa da Áustria, Maria Antonieta, ao encontro de seu destino.

DIFÍCIL PARA MARIA TERESA a despedida de sua filha. Ano após ano, aquela mulher já cansada pelo peso da idade almejou esse casamento como a máxima felicidade em prol do aumento do “poder dinástico” dos Habsburgo; contudo, na última hora, causa-lhe preocupação o destino que impôs à própria filha. Num exame mais atento de suas cartas, de sua vida, percebe-se: essa soberana trágica, o único grande monarca da casa da Áustria, carrega a coroa agora apenas como fardo. Com incansável empenho, em guerras intermináveis, manteve em unidade o império construído à custa de casamentos, e de certa forma artificialmente, defendendo-o contra os prussianos e turcos, contra o oeste e contra o leste. Todavia, justamente agora que ele parece seguro exteriormente, arrefece-lhe a coragem. Oprime a venerável mulher um estranho pressentimento de que tal império, ao qual dedicou toda energia e paixão, irá decair e se esfacelar sob seus sucessores; ela, a mulher política, clarividente e quase profética, sabe quão frágil é essa mistura de nações aleatoriamente interligadas, e quanta precaução e discricção, quanta passividade prudente são necessárias para prolongar sua existência. No entanto, quem continuará a obra que ela iniciou com tanto empenho? Decepções profundas em relação a seus próprios filhos despertaram nela o espírito de Cassandra. Neles sente falta daquilo que determina a força de sua natureza, a grande paciência, o planejamento lento e seguro e a perseverança, a capacidade de renúncia e a prudente anulação de si mesma. Entretanto, nas veias de seus filhos flui uma quente onda de inquietação provinda do sangue loreno do marido; todos são capazes de destruir possibilidades incalculáveis por um instante de prazer; uma pequena linhagem de pouca seriedade, de pouca fé, empenhando-se apenas em sucessos passageiros. Seu filho e corregente, José II, com a paciência

de um príncipe herdeiro, bajula Frederico o Grande, que a perseguiu e ridicularizou durante anos; corteja Voltaire, a quem ela, católica fervorosa, despreza como o anticristo. Outra filha, a quem igualmente determinou para um trono, a arquiduquesa Maria Amália, mal chegada a Parma chama a atenção de toda a Europa com sua leviandade; em dois meses dilapida as finanças, desorganiza o país, diverte-se com amantes. Também a outra filha, em Nápoles, não lhe dá motivos de orgulho. Nenhuma das filhas demonstra seriedade e correção moral, e a imensa obra construída à custa de esforços, sacrifícios e deveres parece vã à grande imperatriz que pagou para tanto o inexorável preço de sua vida pessoal e particular, privando-se de alegrias e de qualquer prazer fácil. De bom grado buscaria o refúgio de um convento, e apenas pelo temor, pelo correto pressentimento de que seu precipitado filho poria a perder com experimentos impensados tudo que a mãe construíra, a incansável lutadora mantém o cetro na mão que, desde há muito, já mostrava sinais de cansaço.

Também em relação à filha mais nova, Maria Antonieta, a perspicaz conhecedora de caracteres não se deixa ludibriar por ilusão alguma; sabe de suas qualidades – a grande bondade e cordialidade, a inteligência viva e autêntica, o temperamento humano e puro; da filha caçula, no entanto, sabe igualmente os riscos: falta de maturidade, leviandade, infantilidade, distração. No intuito de aproximar-se dela, para ainda no último minuto transformar em rainha aquela criatura temperamental, permite que Maria Antonieta durma com ela em seus aposentos durante os dois meses anteriores à partida; em longas conversas, tenta prepará-la para seu grande papel; para receber a graça dos céus, leva a menina para uma peregrinação a Mariazell. Contudo, quanto mais se aproxima a hora da despedida, mais inquieta se torna a imperatriz. Algum pressentimento sombrio lhe oprime o coração. Prevendo desgraças futuras, investe todos os esforços para afugentar as forças obscuras. Antes da partida, entrega a Maria Antonieta um minucioso manual de comportamento e obriga a criança ingênua a lhe prometer que se dedicará todos os meses à sua leitura detalhada. Além do documento oficial, escreve também uma carta particular a Luís XV, na qual a senhora idosa clama ao senhor idoso que leve em

consideração a infantil falta de seriedade da menina de catorze anos. Sua inquietação, porém, não consegue diminuir. Maria Antonieta ainda não pode ter chegado a Versalhes e já repete ela a advertência de reler e buscar aconselhamento naquele manual: “Minha adorada filha, gostaria de lembrar-te de reler aquelas páginas no dia 21 de cada mês. Leva este desejo meu em consideração, peço-te: nada mais temo em ti que tua negligência nas orações e nas leituras, e o descuido e a indolência daí resultantes. Luta contra isso, ... e não te esqueças de tua mãe, que, embora distante, não cessará de preocupar-se contigo até o último instante de vida.” Em meio ao regozijo do mundo inteiro em relação ao triunfo de sua filha, a velha senhora dirige-se à igreja e suplica a Deus que impeça a desgraça, a qual foi a única pessoa a pressentir.

ENQUANTO A IMENSA CAVALGADA – trezentos e quarenta cavalos trocados em cada posto dos correios – segue lentamente pela Áustria e pela Baviera e se aproxima da fronteira após incontáveis festas e recepções, marceneiros e tapeceiros trabalham numa estranha construção na ilha do rio Reno, entre Kehl e Estrasburgo. Aqui, os mestres de cerimônias de Versalhes e Schönbrunn tiram seu grande trunfo da manga; após intermináveis reuniões para determinar se a entrega da noiva deve dar-se em território austríaco ou apenas em solo francês, um dos gênios imaginou a solução salomônica: construir numa das pequenas ilhas de areia inabitadas do Reno, entre a França e a Alemanha, portanto, em terra de ninguém, um pavilhão de madeira para a entrega solene, uma maravilha de neutralidade; duas antecâmaras na margem direita do rio, nas quais Maria Antonieta entrará ainda como arquiduquesa, duas antecâmaras na margem esquerda, da qual sairá após a cerimônia como delfina da França; no meio, o grande salão da entrega solene, no qual a arquiduquesa se transformará definitivamente na herdeira do trono francês. Tapeçarias valiosas vindas do palácio episcopal cobrem as paredes de madeira instaladas às pressas, a Universidade de Estrasburgo empresta um baldaquim, cidadãos ricos da cidade cedem sua melhor mobília. Esse santuário de luxo principesco

está evidentemente vedado ao olhar burguês. Algumas moedas de prata, contudo, convencem os guardiões do santuário, e assim, poucos dias antes de Maria Antonieta, alguns jovens estudantes alemães adentram aqueles aposentos semiacabados para satisfazer sua curiosidade. Um deles, em especial, alto, de olhar apaixonado, a auréola do gênio sobre a fronte viril, não se cansa de admirar os preciosos gobelins bordados segundo um modelo de Rafael; despertam no jovem, a quem o espírito da arte gótica acabara de revelar-se na catedral de Estrasburgo, o desejo arrebatador de captar com igual ímpeto a arte clássica. Com entusiasmo explica aos companheiros menos eloquentes esse mundo inesperadamente revelado a ele, envolvendo o mundo da beleza dos mestres italianos. De súbito para, mostra-se irritado, zangado, franze as sobrancelhas espessas e escuras, anuviando o olhar até então apaixonado. Pois somente nesse instante dera-se conta do que as tapeçarias representavam, de fato, uma lenda totalmente descabida para uma festa de casamento, a história de Jasão, Medeia e Creusa, o exemplo crasso de matrimônio funesto. Sem prestar atenção à surpresa dos companheiros, o jovem genial exclama em voz alta: “Como se permite apresentar aos olhos de uma jovem rainha, logo à sua entrada, o exemplo de um matrimônio terrível que talvez jamais tenha se consumado? Não haverá entre os arquitetos franceses, entre os decoradores e tapeceiros, ninguém que compreenda que imagens representam alguma coisa, que imagens produzem efeitos sobre os sentidos e os sentimentos, que causam impressões, que provocam presságios? É como se tivessem enviado à fronteira, ao encontro dessa dama linda, conforme se ouve, cheia de vitalidade o mais abominável dos fantasmas.”

Com muito esforço os amigos conseguem acalmar o jovem apaixonado, quase à força retiram Goethe – pois é ele o jovem estudante – da construção de madeira. Logo, porém, aproxima-se aquele “enorme comboio de luxo e realza” acompanhando o cortejo nupcial e inunda com conversas animadas e alegre disposição aquelas salas ricamente adornadas, sem imaginar que poucas horas antes o olhar clarividente de um poeta anteviu o fio negro da fatalidade tecido naquela tapeçaria multicolor.